

## Distúrbios de Aprendizagem e os Desafios da Educação Escolar

*Renata Veloso de Moraes Cortez.  
Prof. Ms. Moacir Alves de Faria*

### *Resumo*

Com este trabalho, procurou-se realizar uma reflexão a respeito dos aspectos emocionais e familiares nos distúrbios de aprendizagem a partir de uma compreensão destes distúrbios como manifestações diante de alterações não só orgânicas como também nas relações interpessoais e processos emocionais desde os primeiros vínculos da criança, o que torna-se um desafio para o profissional da educação.

**Palavra-chave:** Distúrbios de aprendizagem, desafios do educador, relações familiares e desenvolvimento emocional.

### **INTRODUÇÃO**

As pessoas envolvidas no processo educativo sentem necessidade de saber como as crianças pensam, se desenvolvem, adquirem conhecimento do mundo e para atender essas necessidades procuram estudar, pesquisar e aprender.

Levando-se em consideração a vida diária de um professor, observa-se o surgimento de fatos que são incomuns, confusos e até preocupantes. Isto acontece quando o mesmo depara-se com crianças com dificuldade. Apesar de ter se preparado para a profissão, o professor às vezes se sente impossibilitado quando se defronta com tais obstáculos, como quando surge uma criança que não consegue aprender por mais tentativas que se faça, a lacuna na compreensão do ser humano se apresenta em toda sua grandeza.

Frente às dificuldades escolares, as crianças apresentam um declínio no prazer da aprendizagem logo que se deparam com elas.

Existem sinais claros que estão relacionados à queda de interesse pela escola: perda do orgulho pelo trabalho escolar, queixas que não apresentam relação com a aprendizagem (antipatia pelo professor, colegas etc.), recusa em falar sobre a escola.

Este artigo científico teve como base a pesquisa bibliográfica e está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo vai tratar, do ponto de vista teórico, das dificuldades de aprendizagem e o processo de desenvolvimento dos indivíduos em geral, assim como da relação professor-aluno. E o segundo e último capítulo traz as considerações finais sobre as informações do primeiro capítulo.

## **1 – AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DOS INDIVÍDUOS.**

O processo do desenvolvimento e crescimento do indivíduo não se dá de forma autônoma, aleatória ou determinada somente por fatores internos. Todo o processo do desenvolvimento tem a característica de ser global, integrado e interdependente.

A criança pequena, nos seus primeiros meses de vida, quando ainda está pouco diferenciada nas diversas áreas de seu desenvolvimento, terá manifestações orgânicas e psicossomáticas diante de problemas enfrentados nas suas relações, especialmente com a mãe e em função de suas condições de vida.

Nesta fase da vida a socialização também é importante. Muitas crianças brasileiras passam mais tempo em creches ou escolas do que na própria casa, podendo, portanto, estas instituições serem responsáveis por eventuais problemas de desenvolvimento da criança. Segundo ERIK ERIKSON (1950), quando aprende novas habilidades e age no mundo que a rodeia, a criança tem um sentimento de domínio, porém para que isso ocorra é preciso que ela seja encorajada, caso contrário, se sentirá inferiorizada.

Na idade escolar, o processo de alfabetização passa a ser a área de manifestação dos mesmos desvios já existentes, acrescidos dos específicos deste processo, que podem vir a se manifestar de forma evidente na idade escolar, embora tenham ocorrido em estágios anteriores do seu desenvolvimento, em função da maior solicitação exigida dos processos psicomotores, intelectuais e afetivos nesta idade.

O indivíduo ao ingressar na escola já teve experiências relacionadas a diversas situações e irá reagir a esse novo ambiente de acordo com condicionamentos anteriores, sendo, portanto, freqüente encontrarmos crianças que não conseguem adaptar-se, sem ter satisfatório rendimento nos estudos por estarem comprometidas por ansiedades e tensões psíquicas. (NOVAES, 1986)

Portanto,

É inegável que o processo ensino-aprendizagem é um processo construído sociointeracionalmente, entre ensinante-aprendente-meio, a fim de que todos os componentes possam desfrutar do processo cognitivo, que é o processo de aprendizagem (SOARES, 2006).

O problema de aprendizagem é considerado como o sintoma que expressa algo e possui uma mensagem. Assim, o não aprender tem uma função tão integradora quanto o aprender.

Distúrbio de Aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades na aquisição e no uso da audição, fala, escrita e raciocínio matemático (TULESKI e EIDT, 2007).

A origem do problema de aprendizagem pode estar relacionada com o modelo de relação vincular que cada criança estabelece e que foi desenvolvido e articulado nas suas primeiras relações com a mãe. De acordo com WEITEN (2002), estas relações são estabelecidas desde o pré-natal, quando os bebês passam pelos estágios germinal, embrionário e fetal, ao contexto familiar no qual a criança está inserida.

Uma outra situação pedagógica a ser considerada são os distúrbios reativos de aprendizagem, isto é, são aqueles que surgem no decorrer de crises situacionais: o nascimento de um irmão, a perda de um ente querido, separação dos pais, a troca de uma professora, a mudança de cidade, de escola, entre outras situações.

Tais crises, devido a perdas significativas, freqüentemente mobilizam ansiedades depressivas em muitas crianças e adolescentes e em outros casos, mobilizam um alto nível de ansiedade flutuante, o que dificulta a adaptação a situações novas. Estas situações sugerem que o baixo rendimento pode ser conseqüência da depressão, em função da falta de interesse e motivação da criança em participar de atividades escolares, bem como sua tendência para sentimento de autodesvalorização (BRUMBACK E COLS. 1980).

As problemáticas descritas merecem considerações a nível preventivo, uma vez que, mal manejadas pela família, pela escola ou por profissionais da área de saúde mental, podem organizar-se em problemas processuais de aprendizagem, geradores da carreira de fracasso escolar.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, e quem a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996 p.26).

Infelizmente, nem todos os educadores e pais estão conscientes destas características do desenvolvimento.

Por exemplo, numa sociedade altamente competitiva e regida por um princípio de rendimento, as flutuações escolares da criança e do adolescente podem mobilizar em seus pais um alto nível de ansiedade de performance e, com isso, manejos educativos inadequados que, muitas vezes, dificultam a aprendizagem e mobilizam condutas regressivas.

### **1.1. A relação professor-aluno no processo de aprendizagem.**

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo.

O modo como se dá nossa relação com os alunos pode incidir positivamente tanto no aprendizado, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional, porque nossa relação com os alunos deve ser considerada uma relação profissional (MORALES, 2000 p.10).

Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das conseqüências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

O educador enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem, bem como protagonista na resolução e estudo das dificuldades de aprendizagem deve obter orientações específicas para que desenvolva um trabalho consciente e que promova o sucesso de todos os envolvidos no processo (SOARES, 2006).

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e exposição onde o professor demonstrará seus conteúdos.

No entanto este paradigma deve ser quebrado, é preciso não limitar este estudo em relação comportamento do professor com resultados do aluno; devendo introduzir os processos construtivos como mediadores para superar as limitações do paradigma processo-produto.

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

A percepção que o aluno tem do professor não resulta exclusivamente de como ele atua, mas também de como o aluno entende que ele atua (FREIRE, 1996 P.109).

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno.

Como somos pessoas diferentes, também podemos ver nosso papel como professores de maneira diferente, muito precisa e limitada a condutas acadêmicas: explicar, esclarecer, corrigir, examinar...(MORALES, 2000 p.42).

Apesar de tal, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização.

De modo concreto, não podemos pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

Segundo Freire (1996, p.96),

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque

acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Ainda segundo o autor,

[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.97).

Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma, por outro lado os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. Assim, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste, para que ele não fique para recuperação), apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões”.

A escola é sim um espaço privilegiado para o bom desenvolvimento da aprendizagem, pois através dela o aluno pode ter um convívio direto com novas perspectivas de conhecimentos e diferentes contatos com indivíduos ímpares (SOARES, 2006).

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

## **2 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aprendizagem é um processo, uma atividade interior que tem um início, um desenvolvimento e um fim. Ela é algo muito pessoal, mas que pode ser influenciado, com êxito, por pessoas habilitadas e através de estímulos e técnicas adequadas.

A aprendizagem é a modificação que ocorre na conduta mediante a experiência ou a prática. É um processo dinâmico, vivo, global, contínuo e individual. Exige como condição básica o amadurecimento do ser para a referida modificação. É um processo pessoal: depende do envolvimento de cada um, de seu esforço e de sua capacidade.

Aprende-se aos poucos, e cada um dentro de seu ritmo próprio.

A dificuldade de aprendizagem pode ter origem em problemas físicos, psíquicos e emocionais. O clima familiar, a falta de estímulo ou a inadaptação do aluno à escola, também influenciam no desempenho das crianças, podendo provocar desinteresse passageiro pelos estudos, trazendo prejuízos no rendimento escolar.

O meio ambiente da criança deve ser adequado, isso significa não somente espaço físico bem arejado, organizado, limpo e iluminado, mas também harmonia e serenidade dentro da escola e do lar. O ambiente escolar também exerce muita influência na aprendizagem. O tipo de sala de aula, a disposição das carteiras e a posição dos alunos são aspectos importantes. O material de trabalho colocado à disposição dos alunos também é importante.

O professor/educador vai precisar do apoio dos demais profissionais envolvidos, para diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, pois somente conhecendo o ser humano em sua natureza própria, nas relações entre seus membros constitutivos e o mundo, é que se pode conseguir uma aproximação com a criança.

O estudo das dificuldades de aprendizagem constitui-se num campo amplo e complexo, envolvendo determinantes sociais, culturais, pedagógicos, psicológicos e médicos. Assim, torna-se necessário ter uma visão global do problema de aprendizagem para melhor avaliar e compreender os vários fatores envolvidos.

Há crianças que apresentam inteligência normal e até superior, mas as atitudes emocionais conflitivas ou as tensões emocionais vindas das mais variadas circunstâncias da vida são suficientes para acarretar as dificuldades na aprendizagem.

É fato, que algumas crianças matriculadas na escola não apresentam os pré-requisitos básicos para a sua alfabetização, isto é, possuem problemas (de alguma ordem) que as impede de acompanhar o ritmo da classe. Os alunos são realmente diferentes em suas características e potencialidades. Desta forma, a escola deve então se ajustar a eles para lhes propiciar maior desempenho.

Uma escola é funcional quando conta com forte aliança entre a comunidade, o corpo docente e o administrativo, os quais trabalham os seus conflitos através da colaboração e diálogo. Esses elementos são flexíveis em sua maneira de lidar com os conflitos, utilizando-se

do conhecimento de várias técnicas e métodos adequados. As decisões são tomadas em conjunto e a participação dos alunos é solicitada, mas sem ser igualitária. Cada membro do sistema escolar tem seu papel determinado, afim de criar condições favoráveis para a resolução dos problemas que surgem, fazendo com que o ensinar e o aprender se tornem comprometidos.

A maior dificuldade no relacionamento entre professores e alunos com dificuldade de aprendizagem é a falta de visão global desse aluno, pois a tendência é analisá-lo parte por parte. A dificuldade de aprendizagem se trata de uma condição do aluno muito abrangente, e o principal foco de manifestação dessa condição, certamente é por meio do fracasso escolar, pois possibilidades temos, várias, inúmeras, mas para buscá-las não bastam “boas intenções”, porque o nosso olhar está voltado para os indícios das impossibilidades (PADILHA, 2004, p. 39), é preciso considerar que é a realização sociopsicológica dos pontos fortes da criança, e não o defeito em si, [que] decide o destino de sua personalidade (ibid., p. 39/40). Exatamente isso (e por isso vale a pena ressaltar): não é o “defeito” que a criança possui que determina seu destino, mas a realização social e psicológica de seus pontos fortes – o que ele pode, do que ele é capaz.

Se o rendimento escolar do aluno for sofrível, o mesmo talvez seja visto como um fracasso pelos professores ou colegas. Muitos desses alunos desenvolvem uma auto-estima negativa, que agrava em muito a situação.

As dificuldades de aprendizagem fazem parte do cotidiano das escolas acarretando na grande maioria das vezes em reprovação. Essa constatação reforça a importância do apoio dos demais profissionais envolvidos, no sentido de criar condições juntamente com os professores, para que a aprendizagem ocorra de maneira eficaz, prazerosa e significativa.

Busca-se uma escola eficiente e responsável, que coloque a obrigação de levar às novas gerações a se apropriarem dos conhecimentos socialmente construídos, a raciocinar com lucidez e a construir projetos de vida.

Centrar o problema das dificuldades de aprendizagem na má formação dos professores parece ser puro reducionismo. É preciso reconhecer que essas dificuldades são um fenômeno complexo e multifacetado. Devemos encontrar um caminho sólido para enfrentá-lo.

Deve-se garantir aos professores o domínio daquilo que ensinam, sem descuidar de habilitá-los para o manejo adequado da classe, para a seleção de métodos e procedimentos de ensino. Ao criar a Política Nacional de Formação de Professores, a qual faz parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o governo federal, por meio do ministro da Educação, FERNANDO HADDAD, disse que “O objetivo do sistema é dar a todos os professores em exercício condições de obter um diploma específico na sua área de formação”. A partir disso esperamos uma escola menos seletiva, menos arbitrária e mais competente, apesar de sabermos

que este é o primeiro passo.

Os problemas físicos e neurológicos também devem ser tratados e são percebidos nos primeiros anos de ensino fundamental. Os professores devem estar trabalhando nisso também, pois, não havendo nenhuma causa orgânica, a dificuldade pode ter origem psíquica.

O trabalho de educação dos alunos assume um caráter da mais alta importância neste milênio, portanto, faz-se necessário conhecer suas características e potencialidades, seus valores e desejos para uma interação com o meio de forma harmoniosa. Trabalhar a criança em suas necessidades íntimas é auxiliar a sua integração com o meio social em que se vive, visando sua integração com os outros meios sociais, para que se torne um cidadão.

Acredita-se que as crianças com problemas de aprendizagem constituem um desafio em matéria de diagnóstico e educação. No entanto, não é raro encontrar educadores, que consideram, à priori, alguns alunos preguiçosos e desinteressados. Essa atitude não só rotula o aluno, como também esconde a prática docente do professor, que atribui ao aluno certos adjetivos por falta de conhecimento sobre o assunto em questão. Muitos desses professores desconhecem, por completo, que essas mesmas crianças podem apresentar algum problema de aprendizagem, de ordem orgânica, psicológica, social, ou outra. Enfim, são tantas as variáveis, que é imprescindível ao professor, antes de rotular os seus alunos, conhecer os problemas mais comuns no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, conseguirá ampliar o seu horizonte de reflexão e, conseqüentemente, também as suas percepções e a visão do todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUMBACK, R.A, JACKOWAY, M.K. & WEINBERG, W.A. (1980). **Relation of Intelligence to childhood depression in children referred to Educational Diagnostic Center. Perceptual and Motor Skills.** 50, 11—17. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid). Acesso em 02/08/10.

ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica.** Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option>. Acesso em 01/08/10.

MORALES, P. **A Relação Professor-Aluno.** São Paulo: Loyola, 2000.

NOVAES, M.H. **Psicologia Escolar** – 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Possibilidades de histórias ao contrário ou como desencaminhar o aluno da classe especial.** São Paulo: Plexus, 2004.

SOARES, A. R. **Dificuldades de Aprendizagem. Questão psicopedagógica?** Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=634> NOVAES, M.H. Psicologia Escolar – 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1986

TULESKI, S. C. e EIDT, N. M. **Repensando os distúrbios de Aprendizagem a partir da Psicologia histórico-cultural.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a10.pdf>

WEITEN, Wayne. **Introdução à psicologia: temas e variações.** Tradução de Zaira G. Botelho, Maria Lúcia Brasil, Clara A. Colotto e José Carlos B. dos Santos. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.